

## A TRADUÇÃO DO NOME PRÓPRIO: O CASO DE *STRANGER THINGS* À LUZ DA CONCEPÇÃO DERRIDIANA DE INTRADUZIBILIDADE

Laisa Ribeiro do COUTO

Orientadora: Profa. Dra. Érica Luciene Alves de Lima

**RESUMO:** Este artigo abordará a questão do nome próprio por meio de dois caminhos: a concepção de intraduzibilidade tal como foi desenvolvida pelo filósofo franco-magrebino Jacques Derrida e a posição defendida pela comunidade de espectadores brasileiros da série norte-americana *Stranger Things*. A partir de uma análise sobre a importância do nome próprio e sobre a escolha de sua tradução – ou não –, o artigo passará pelos ensaios *Torres de Babel*, de Derrida (1987), e *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin (1923), para refletir a respeito da escolha da tradutora em traduzir o nome da protagonista da série para português em detrimento da escolha usual, ou seja, deixar o nome próprio em inglês. Além disso, o artigo buscará fazer uma crítica em relação à fetichização da intraduzibilidade das palavras como forma de elitismo (Silva, 2006).

**Palavras-chave:** Tradução; Jacques Derrida; *Stranger Things*; Nome próprio; *Torres de Babel*.

Jacques Derrida propôs um questionamento: o que é, afinal, uma tradução “relevante” (2000)? Essa relevância se expande até quais questões? Por isso, é interessante pensar em diversos aspectos do trabalho da tradução e questionar a relevância de cada detalhe. Os nomes, por exemplo. Eles são alvo de discussões acerca de suas possibilidades de tradução, que se reúnem a uma tríplice. As três soluções para a questão da tradução nome são:

1. Deixar o nome como está no original – Mary permanece Mary;
2. Conduzir o original ao seu semelhante na língua de chegada – Mary torna-se Maria, em uma tradução para a língua portuguesa;
3. Mudar o nome foneticamente.<sup>1</sup>

A importância da escolha do nome repousa sob a relevância que ele possui na cultura de diversos locais e temporalidades. De acordo com o ensaio *Torres de Babel*, de Derrida (2006), a primeira atitude de Deus foi nomear as coisas que Ele criara, o que o coloca na posição de pai da linguagem.<sup>2</sup> Outro exemplo de importância do nome pode ser encontrado em Platão, para quem a atividade de compreender algo consistia, juntamente, em entender o nome do objeto de estudo. Para os esquimós, a neve possui

---

<sup>1</sup> (SOUSA, 2011, p.84).

<sup>2</sup> (DERRIDA, 2006, p. 14).

30 nomes diferentes – não há uma palavra que generaliza todos os tipos, como o nome usado em outros ambientes como “neve”. Além disso, para eles, e para os egípcios, os nomes se uniam ao corpo e à alma, colocando o nome, mais uma vez, em uma situação de triplicidade sagrada.<sup>3</sup>

Na obra *Os nomes divinos*, de Hermann Usener (1992), o filólogo alemão explica acerca do fato de que muitos deuses, em antigas religiões, não foram alvos de pinturas ou obras literárias. A única lembrança conservada de suas existências e do fato de que eram adorados pelos seres humanos consiste na presença de seus nomes em livros litúrgicos. Durante a cerimônia religiosa, os nomes iam sendo declamados. Dessa forma, o nome conserva em si a função de elemento mnemônico, com a função de não-esquecimento, isto é, o nome é espiritual, é simbólico, é prova existencial para estudos sociológicos e antropológicos.

O filósofo alemão Ernst Cassirer (1992), em *Linguagem e mito*, mostra a teoria de Max Müller de que a linguagem é intrínseca à criação dos mitos, principalmente devido a um fator de deficiência linguística originária. Como exemplo, ele utiliza a lenda de Deucalião e Pirra, seres que passaram por um dilúvio, criado por Zeus, para a extinção da raça humana. Contudo, eles sobrevivem e se tornam progenitores da nova raça humana, ao jogarem pedras que se transformavam em seres humanos. A explicação para essa transformação consiste no fato de que, no grego utilizado na época, “homem” e “pedra” possuíam o mesmo nome.<sup>4</sup> É a influência do nome na criação de mitos.

Ele chega à conclusão de que os nomes dos deuses, mais do que os próprios deuses, possuem eficácia, afinal, é o seu nome que aparece e aparecerá em documentos, nos louvores e nas orações. Quando o ser humano procura outras terras e se torna imigrante, ele não leva seus deuses com ele para a nova morada, ele leva as orações, que possuem o nome dos deuses.<sup>5</sup> Cassirer fala sobre as crenças que dizem que ao dar o nome de um antepassado para uma criança, ela torna-se o *alter ego* do falecido. Os egípcios acreditavam que, após a morte, para conseguir chegar a um local seguro, era necessário saber o nome de todos os guardiões das portas secretas do além-vida. Nessa mesma cultura, Ísis fez com que Rá, o deus Sol, revelasse o seu nome a ela, obtendo o domínio do deus e de tudo o que era seu. A frase que ele lhe dissera fora a seguinte: “Que meu nome passe do meu corpo para o teu”.

Cassirer também afirma:

Noutro sentido, também, a unidade e unicidade do nome não compõem somente o signo da unidade e unicidade da pessoa, mas a constituem realmente, pois o nome é que, antes de mais nada, faz do homem um indivíduo.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup>. (GOMES, 1992, p.144)

<sup>4</sup>. (CASSIRER, 1992, p.18)

<sup>5</sup>. (Idem, p.67)

<sup>6</sup>. (Idem, p.69)

A partir desse trecho, conclusões são tiradas: os nomes fazem parte do indivíduo e do que ele é. Na hora da tradução, isso deve ser levado em consideração. Assim, como Hanne Martinet (1982) acreditava, os nomes precisam ser analisados antes da escolha da tradução. O tradutor precisa se familiarizar com o universo construído pelo autor e entender sua intenção ao dar aquele nome específico para a personagem. A literatura, comumente, coloca em prática essa característica.

Por trás do nome, há uma singularidade da alma da pessoa representada nas páginas. Em *O livro da selva*, de Rudyard Kipling, Raksha é o nome da loba que se torna mãe do menino Mogli. O significado do seu nome é “o demônio”. Com um rápido olhar, não faz sentido uma mãe amorosa, que ultrapassou o limite das espécies em prol do amor, ter um nome com um significado tão forte, ressaltando uma semelhança com um ser tido como maligno em diversas religiões. Todavia, uma análise detalhada de toda a obra faz com que o leitor perceba que essa é uma das características da mãe loba, sim. Raksha não é um animal maldoso que constantemente comporta-se com a malignidade de um demônio. Raksha torna-se agressiva e poderosa, como um demônio, quando vê seu filho humano sendo ameaçado por um tigre homicida. Seu comportamento demoníaco nada mais é do que um furioso instinto protetor que os seres possuem quando veem o ser que amam em perigo.<sup>7</sup>

Essa análise minuciosa da obra, aconselhada por Martinet, foi uma característica da tradutora da 2ª temporada de *Stranger Things*, série bastante popular da provedora global de transmissão via *streaming* Netflix. Branca Vanessa Nisio<sup>8</sup> chamou a atenção de muitos espectadores devido a uma escolha em específico.

Para seguir o conselho de Martinet e incorporar o contexto do universo ficcional, é relevante apontar que, em suma, *Stranger Things* é uma série lançada em 2016, criada pelos irmãos Duffer, que atingiu rapidamente o status de série bem-sucedida. Ela faz, constantemente, referências às obras cinematográficas dos anos 1980, como *Gremlins*, *Conta comigo*, *A hora do pesadelo*, entre outras.

Uma personagem crucial para a série é uma menina que foi mantida em cárcere privado durante toda a sua vida. Sua mãe participava de experimentos inspirados em testes reais feitos pela CIA, em que era submetida, como cobaia, a drogas como LSD e mescalina – testes como esses foram feitos desde os anos 1950. Em plena Guerra Fria, os EUA acreditavam que, com o uso dessas drogas, os seres humanos desenvolveriam partes do cérebro ainda não atingidas pela experiência humana normal. Dessa forma, as cobaias ganhariam poderes especiais e se tornariam verdadeiras “armas humanas”, prontas para lutar contra a União Soviética.

---

<sup>7</sup> O que significam os nomes dos personagens de “Mogli”? In: Revista Galileu. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2016/04/o-que-significam-os-nomes-dos-personagens-de-mogli.html>. Acesso em: 21 nov. 2017.

<sup>8</sup> Nome da tradutora apresentado no final de todos os episódios da 2ª temporada de *Stranger Things*.

Na série, os testes surtiram efeitos. A mãe da menina participara enquanto estava grávida e sua filha nascera com o poder da telecinese. Diante disso, o governo logo afasta a mãe da criança e a deixa em um quarto muito parecido com uma prisão. Ela usa apenas uma camisola, como as usadas por pacientes em hospitais, como uma espécie de uniforme. Devido aos testes, em que eletrodos são necessários, ela é obrigada a ter a cabeça raspada, semelhante às das crianças judias presas durante o nazismo. As experiências constantemente a levam à exaustão física e psicológica. O responsável pelas avaliações atinge seu emocional ao fazê-la acreditar que ele é o seu pai, nada mais do que uma pessoa que anseia pelo seu bem e pela sua saúde. Contudo, ele exige cada vez mais da menina e o fato de ser trancada em um quarto, como prisioneira, faz com que ela mate dois guardas, com o poder de sua mente, e fuja do lugar inumano em que estava.

Após a fuga, Eleven encontra outras crianças e elas tentam descobrir qual é o nome da menina. Elas veem uma tatuagem em seu braço, o número 11. Na prisão em que se encontrava, as cobaias eram identificadas não por um nome, mas por uma numeração, como se fossem apenas mais um objeto de estudo da lista. A semelhança com os campos de concentração é ainda maior quando se percebe que todas as crianças perdem seus nomes e recebem tatuagens com os números, sem nenhum tipo de consentimento. Oito milhões de pessoas foram obrigadas a usarem números ou triângulos como forma de identificação, tatuados em seus corpos, além de serem escravizados e usados como cobaias, uma história extremamente semelhante à da personagem Eleven.<sup>9</sup>

Os colegas passam a chamá-la de Eleven, nome em inglês para 11. Mais tarde, o amigo que mais gosta da menina cria um apelido derivado de Eleven, El, como uma forma de mostrar afeição, dando toques de humanização àquele número-nome.

A 2ª temporada foi ansiosamente esperada por espectadores de vários países do mundo inteiro. No Brasil, a repercussão da série alcançou a área da linguagem, uma vez que questões de tradução incomodaram diversos espectadores. Dessa vez, a tradutora responsável optou por deixar Eleven como Onze nas legendas. O incômodo surgiu quando uma postagem, da rede social Twitter, viralizou. A autora, usuária @orrphnblack, Larissa, encontrou apoio em outras redes sociais, como o Facebook, e sua opinião repercutiu em diversos sites de notícias, que alertavam para a “gafe”<sup>10</sup> cometida pela Netflix.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo\\_de\\_concentra%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_de_concentra%C3%A7%C3%A3o)> Acesso em: 22/03/2018

<sup>10</sup> A escolha da palavra “gafe” foi feita pelos autores das matérias. Outros sites divulgaram o ocorrido e, mais de um deles, utilizaram “gafe”.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/netflix-comete-gafe-em-traducao-de-stranger-things-e-fas-nao-perdoam>. Acesso em: 21 nov. 2017.

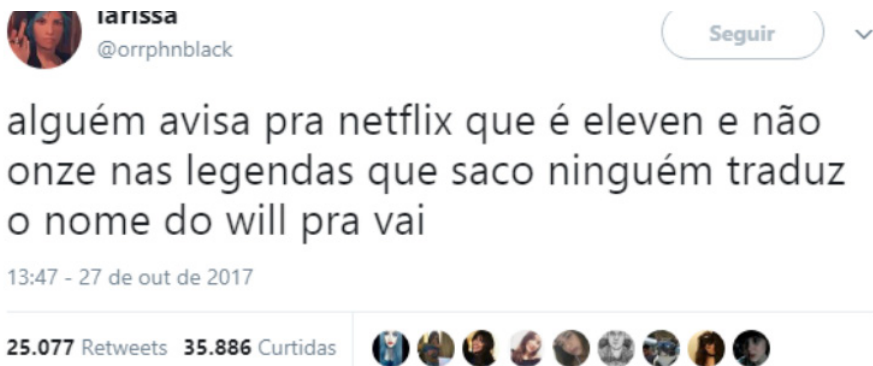


Figura 1. Postagem da usuária @orrphnblack que explicita descontentamento com a tradução de Eleven para Onze.

Primeiramente, é interessante apontar como a tradução é rapidamente imputada à empresa que transmite e financia a série, o que mostra como os tradutores ainda precisam lutar para sair da invisibilidade – mesmo quando o nome da tradutora aparece no final de todos os episódios, com uma mensagem evidente de que a criação de tais traduções é dela e não da empresa. O tweet, que conquistou mais de 25.000 retweets e mais de 35.000 curtidas, argumenta que a tradução de Eleven não pode ser Onze, uma vez que muitos espectadores encaram Eleven como um nome próprio, sem analisarem toda a obra, como Hanne Martinet aconselha.



Figura 2. Postagem do usuário @dada1smo cujo descontentamento com a legenda levou à mudança do idioma.

No tweet anterior, vemos o usuário @dada1smo, Isóleia beal de sous, mostrando que a tradução exerce grande influência até mesmo nos atos dos indivíduos em relação à forma como assistem a uma série, a ponto de o indivíduo em questão não aguentar ler a legenda em que a personagem é tratada como Onze, e não Eleven. Aqui, vemos um exemplo do

“complexo de vira-lata”, cunhado por Nelson Rodrigues, dramaturgo e escritor brasileiro<sup>12</sup>. Até mesmo a preferência pela nomeação Eleven demonstra que há uma tendência e um intenso desejo do espectador brasileiro de se moldar de acordo com o comportamento do outro, nesse caso, principalmente dos norte-americanos.

Em relação ao tweet que viralizou, a internauta, em tom de humor, lembra que um dos personagens, Will, não possui o nome traduzido para “vai”<sup>13</sup>. Will e Eleven podem ser nomes próprios, substantivos ou verbos, assim como Babel. No ensaio *Torres de Babel*, de Jacques Derrida (2006), o filósofo aponta para o fato de que Babel significava “confusão”, devido aos acontecimentos da passagem da torre de Babel da Bíblia, mas que também era um nome próprio.<sup>14</sup>

No livro do Gênesis, no décimo primeiro capítulo, o leitor conhece a história da época em que toda a terra possuía a mesma língua e as mesmas palavras. Os humanos decidiram construir uma cidade e uma torre, com tijolos e betume, a qual seria tão alta que tocaria o céu e faria com que o nome de todos ficasse conhecido por milênios. Deus ficou enraivecido ao ver a pretensão dos humanos e dispersou a cidade, desconstruiu a torre e fez com que todos falassem línguas diferentes. Deus, assim, impôs o nome de Babel ao local. Desse episódio, nasceu a necessidade da tradução.

Babel, devido ao episódio da dispersão dos idiomas, ficou conhecido pelo sentido de “confusão”, todavia, Derrida recorre, em seu ensaio, ao artigo de Voltaire em que ele fala de outro significado para a palavra: “*Ba* significa pai nas línguas orientais, e *Bel* significa Deus; Babel significa a cidade de Deus, a cidade santa”.<sup>15</sup> Logo, a cidade carregava o nome de Deus, o nome do pai. Nesse sentido, Babel significa confusão – substantivo – e pai e Deus – nome próprio.

A questão da intraduzibilidade do nome foi bastante discutida por Derrida, que afirmava que os nomes são intraduzíveis.<sup>16</sup> Dessa forma, o nome Babel é intraduzível assim como o nome Peter não é uma tradução de Pierre.<sup>17</sup> Os nomes próprios repousam em uma esfera diferente das outras palavras: eles fazem e ao mesmo tempo não fazem parte da língua.<sup>18</sup> Considerando, portanto, essa ideia de intraduzibilidade do nome, pode-se afirmar que os espectadores de *Stranger Things* também acreditam que não se deve traduzir, ou que o nome é intraduzível (mesmo que tenha sido traduzido). Tem-se,

---

<sup>12</sup>. (RODRIGUES, p. 118-119).

<sup>13</sup>. Will, como verbo to be, indica futuro na língua inglesa.

<sup>v</sup> (DERRIDA, 2006, p. 12/13).

<sup>15</sup>. (Idem)

<sup>16</sup>. (DERRIDA, 2006, p. 21)

<sup>17</sup>. (Idem, p.22)

<sup>18</sup>. (Idem, p.41)

portanto, a ambivalência constitutiva da tradução: o que não se traduz é o que acaba por pedir a tradução.

Em um texto autobiográfico, Derrida afirma que no final da vida de sua mãe, ela já não lembrava de seu nome, que se tornara impronunciável para ela. “Para ela (...) não tenho mais nome”.<sup>19</sup> Durante a sua infância, ele criara um nome secreto para si: Elias.<sup>20</sup> Pierre Delain, na compilação de termos trabalhados ao longo da obra de Derrida, lembra que ele afirma que tudo o que liga a memória ao pensamento é o nome. Para o filósofo há um poder soberano em nomear, que se torna uma imposição, presente na figura divina. Nesse sentido, nomear, para Derrida, não só é sagrado, transcendental e poderoso, como também uma linguagem, sem nome, não seria nada.<sup>21</sup>

Ainda segundo informações compiladas por Delain, Derrida ainda acredita que o nome promete algo acerca da pessoa que o possui. O nome faz o “eu” ser esquecido e mostra algo do interior da pessoa. Por exemplo: o sobrenome de Simon Hantaï lembra a palavra francesa “hanter”, que significa “assombrado”. Logo, há a interpretação de que Simon é assombrado por seu próprio nome.<sup>22</sup> Se partirmos da ideia de Derrida de que o nome esconde algo do interior do ser humano e levamos em consideração de que Eleven pode ser uma espécie de nome próprio, como pensam os espectadores de *Stranger Things* citados anteriormente, é possível a interpretação de que Eleven também não foge da teoria, uma vez que a palavra vem do inglês antigo “edleofan”, que significa “one left”.<sup>23</sup> A intenção é plausível, uma vez que remete ao fato de que só há mais um número após o dez. Contudo, ao levar em consideração o fato de que a personagem foi abandonada e criada sozinha, “one left” ganha um sentido muito mais profundo de abandono e reclusão. Assim, Eleven ganha um significado muito mais ligado à teoria de Derrida acerca do fato de os nomes se ligarem ao interior do indivíduo.

Para o filósofo Antonio Campillo (1992), que estudou e foi influenciado por Foucault e Derrida, os nomes próprios são o que há de mais “idiomático”, já que podem estar na extremidade da língua, intraduzíveis, mas na verdade são as palavras que têm o significado mais universal, portanto, os que menos precisam de tradução.<sup>24</sup>

Derrida, em *Torres de Babel*, faz uma reflexão acerca do ensaio *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin. Escrito em 1923, o ensaio é polêmico desde a primeira linha: Benjamin deixa bem elucidado que a tradução não é frutífera quando leva em consideração o público que a receberá. Ele considera esse pensamento como um “desvio

---

<sup>19</sup>. (BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 24)

<sup>20</sup>. (Idem, p. 69)

<sup>21</sup>. Disponível em <<https://www.idixa.net/Pixa/pagixa-1002091032.html>> Acesso em: 19 fev. 2019

<sup>22</sup>. Disponível em <<https://www.idixa.net/Pixa/pagixa-1002091032.html>> Acesso em: 19 fev. 2019

<sup>23</sup>. Disponível em <<https://www.etymonline.com/word/eleven>> Acesso em: 22 set. 2018

<sup>24</sup>. (GOMES, 2013, p. 147)

desnecessário” e acha nada relevante o conceito de público “ideal”<sup>25</sup>, o que certamente chocaria os fãs de *Stranger Things*.

O retorno ao ensaio de Benjamin, em *Torres de Babel*, é feito com ênfase na impossibilidade da tarefa do tradutor. A tradução, desde o começo, é vista como um dever, uma dívida, algo que o tradutor deve devolver, e até mesmo como um crime.<sup>26</sup> Apesar de o texto ter sido escrito na década de 1920, as ideias de Benjamin podem ser corroboradas com as reações dos espectadores da série aqui discutida, quando, ainda hoje, manifestam sua insatisfação nas redes sociais. A impressão dada é a de que, realmente, existe uma dívida, de que o tradutor devia algo a eles: a tradutora *deveria* ter colocado Eleven em vez de Onze.

Uma interpretação interessante acerca do assunto é a de Francisco de Fátima da Silva (2006) em sua tese *Às voltas com Babel: Derrida e a tradução (catacréstica)*, em que o autor aponta para o fato de que a insistência em não traduzir nomes é um processo de fetichização da palavra. Tal interpretação é muito condizente com as ideias de Derrida uma vez que, como afirma Bennington em *Jacques Derrida* (1996), o filósofo falou mais a respeito de psicanálise do que de linguística em sua obra.<sup>27</sup>

Como esse fetiche adentra o mundo da linguagem e a hesitação na escolha da tradução de nomes próprios? Segundo Silva, insistir na intraduzibilidade é tentar controlar algo que não se pode controlar, é uma tentativa de manter algo intocado.<sup>28</sup>

A suposta intraduzibilidade, por exemplo, dos textos filosóficos, ou mesmo poéticos, seria, em outras palavras, consequência de um processo de fetichização do significante “filosófico”, “literário” ou qualquer que seja o sistema; em suma, um processo de sacralização (em um sentido pejorativo, qual seja, o de idolatria) de algo que não se encontra realmente “presente”, mas que, apesar disso, mascara uma falta, cobre uma falha.<sup>29</sup>

Ao persistir na intraduzibilidade, há uma intenção de sacralizar uma ideia, adicionar um valor simbólico a um objeto e adicionar a noção de que algo ali é superior e deve permanecer como está. Transforma-se em objeto fetichizado. Aqui, não há o falo<sup>30</sup>, mas há uma falta, uma falha, que deve ser escondida, o que conversa com o “complexo de vira-

---

25. (BENJAMIN, 2008, p.25)

26. (DERRIDA, 2006, p. 27)

27. (BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 99)

28. (SILVA, 2006, p.118)

29. (Idem, p. 119)

30. Como Nina Saroldi (2010) afirma no prefácio do livro *Fetichizar: colonizar o outro*, de Vladimir Safatle, o fetichista é o indivíduo que, durante a infância, recusou-se a superar a ideia de que a mulher não possui um pênis. A partir disso, ele constrói um fetiche para vencer a ameaça da castração, que ele adquiriu a partir da visão de que a mulher não possui o falo. Ao colocar a mulher com casacos de pele ou roupas de látex, por exemplo, ele constrói fetiche para se proteger da ameaça da castração. Esses objetos, esses fetiche, tornam-se o falo que “falta” na mulher e, assim, fazem com que o homem se esqueça de que ele pode ser castrado, ou seja, que ele pode perder seu próprio falo, seu “poder”. (SAROLDI In: SAFATLE, 2010, p. 15)



lata” citado anteriormente. A língua inglesa parece ter sido fetichizada pelos espectadores brasileiros, o que também explica o fato é de filmes legendados muitas vezes serem elogiados em detrimento dos filmes dublados, que são rechaçados. A língua natal torna-se a falha que deve ser escondida.

Silva ainda cita o fetiche da mercadoria, conceito cunhado por Karl Marx acerca da forma como objetos inanimados – nesse caso, legendas, traduções, palavras – são transformados em fetiche não apenas por uma pessoa, mas por toda uma comunidade, através do valor simbólico, valor escondido, atribuído a esses objetos.<sup>31</sup> Em uma matéria do site *Amigos do Fórum*, uma usuária, Maria Clara Sabino, faz um comentário acerca da questão da escolha da tradutora de *Stranger Things* que dialoga diretamente com a questão da fetichização da mercadoria.

O público alvo da série, como de toda Netflix, tem um conhecimento básico de inglês e conseguiria entender que o nome dela representa o número 11. Mas se fosse tv aberta, ou qualquer outro veículo cujo o perfil do público varia mais que o da Netflix, eu com certeza teria traduzido. O nome dela é muito importante pra trama pra correr o risco de alguém perder as referências.<sup>32</sup>

Na fala da usuária, fica evidente o fato de que ela acredita que os telespectadores da Netflix possuem uma renda financeira superior, uma vez que, além de poderem usufruir de uma rede de *streaming* paga, eles possuem “conhecimento básico de inglês”. Sua fala torna-se ainda mais elitista ao apontar o fato de que a tradução só seria necessária caso a série fosse transmitida na TV aberta, uma vez que “o perfil do público varia mais que o da Netflix”, ou seja, atinge a população mais pobre. Logo, a tradução do nome próprio só se torna viável quando é direcionada à população que não possui o privilégio de pagar cursos particulares de inglês e não possui acesso a uma educação pública de qualidade.

Falas desse tipo elucidam ainda mais o argumento de Silva a respeito do fato de que a insistência acerca de uma não-tradução fala mais sobre uma fetichização e uma sacralização das palavras, que visa adicionar um valor simbólico, cujo objetivo é a imposição de uma suposta superioridade de uma classe que possui o conhecimento prévio da língua inglesa. O conhecimento do inglês e a ausência da necessidade da tradução do nome próprio escondem uma suposta “superioridade” dos espectadores.

Eleven pode ser um nome próprio, isso explicaria a permanência do nome em inglês na tradução e nas legendas da obra. Todavia, olhando com profundidade, assim como propõe Martinet, a tradutora percebeu que Eleven não era um nome próprio. Era uma forma de desumanizar uma criança que era tratada como um animal de laboratório. Ao, conscientemente, não darem um nome a ela, eles tolhiam uma parte de sua essência, sua

---

<sup>31</sup>. (SILVA, 2006, p. 120).

<sup>32</sup>. Disponível em <<https://www.amigosdoforum.com.br/eleven-ou-onze-tradutores-opinam-sobre-questao-que-tirou-o-sono-dos-fas-de-stranger-things/>> Acesso em: 06 mar. 2018

individualidade, prolongando, assim, a ideia de que ela não deveria fugir, afinal, existia apenas para colocar seu corpo em perigo, em universos paralelos, em prol do governo norte-americano e de suas pesquisas. A escolha de Onze surte efeito – e mostra-se como uma boa solução – ao evidenciar que ela era vista apenas como o número 11, nada mais do que isso. Em outras palavras, ela não era considerada como um ser humano que mereceria um nome próprio.

No final, a tradutora da série também segue o preceito de Derrida, uma vez que ela não traduz os nomes próprios, como Will ou Dustin. Ao perceber que Eleven não é um nome próprio e se insere como uma forma de objetificar e desumanizar a personagem, ela traduz a palavra.

Como Benjamin aponta em *A tarefa do tradutor*, uma tradução não é eficiente quando faz “uma transmissão deficiente e inexata dum conteúdo não-essencial”<sup>33</sup>, o que é o caso da ausência da tradução de Eleven que faz com que o espectador perca diversas nuances acerca da forma como a personagem é tratada. O autor também afirma que a aspiração de ser parecido ou semelhante ao original não faz, necessariamente, a tradução ser viável.<sup>34</sup> Dessa forma, o significado em sua plenitude não é alcançado, é necessário que o autor consiga captar o sentido poético que os autores da obra colocaram e que o tradutor tenha a liberdade em seu trabalho para alcançar o sentido que provoque efeitos semelhantes aos provocados pelo original.<sup>35</sup> Essa é a dificuldade – e o sentimento quase transcendental – da tradução, que fazem com que teóricos, como Walter Benjamin e Jacques Derrida, dissertem acerca de sua impossibilidade. Para conseguir tais efeitos, é necessário que o tradutor tenha a liberdade de dar “prova de originalidade na escolha das expressões”.<sup>36</sup> Ele até mesmo chega a citar M. Savatier em uma passagem sobre o fato de que o tradutor não ser um operário que faz um trabalho automático, ele faz uma “obra de espírito”.<sup>37</sup>

Na 2ª temporada, a protagonista descobre seu verdadeiro nome. Em busca de autoconhecimento, ela sai à procura de sua verdadeira mãe e, por meio de alguns documentos, descobre que seu nome é Jane. O fim da jornada termina com a menina retornando à cidade em que ela conheceu seus primeiros amigos, onde ficou presa por tanto tempo, trazendo consigo uma das coisas mais importantes que lhe foi negada durante toda a infância, uma arma perigosa que ajuda a construir sua identidade, lhe dá autoestima e ajuda a construir confiança: o seu nome.

Derrida (2006), no fim de seu ensaio, afirma que mais do que uma dívida, a tradução permite que a língua cresça e se desenvolva. A tradução vê uma língua “atrofiada na sua solidão, magra, parada no seu crescimento, enferma” e, por intermédio de um cruzamento

---

<sup>33</sup>. (BENJAMIN, 2008, p. 26)

<sup>34</sup>. (Idem, p. 30)

<sup>35</sup>. (Idem, 2008, p. 37)

<sup>36</sup>. (DERRIDA, 2006, p. 60)

<sup>37</sup>. (Idem, p. 61)

de línguas, faz com que ela cresça.<sup>38</sup> Por meio desse processo, a tradutora da 2ª temporada de *Stranger Things* soube captar a importância acerca dos nomes próprios e a relevância da não-tradução quando há um sentido poético subjacente a uma nomenclatura. O dever do tradutor, citado por Benjamin e Derrida, foi cumprido, por mais que as críticas e a fetichização da palavra ainda assombrem a figura da tradutora.

---

## REFERÊNCIAS

- BENNINGTON, G.; DERRIDA, J. (1996). Jacques Derrida, Jorge Zahar Ed, RJ.
- BENJAMIN, W. (2008). A tarefa do tradutor, Editora UFMG, BH.
- CAMPILLO, A. (1992). “El autor, la ficción, la verdade”. Revista de Filosofia, Edición de Compobell, Universidad de Múrcia.
- CASSIRER, E. (1992). Linguagem e mito, Editora Perspectiva, SP.
- DELAIN, Pierre. Derridex. Index des termes de l’oeuvre de Jacques Derrida. Disponível em: <https://idixa.net/Pixa/pagixa-0506091008.html> Acesso em 18 de fevereiro de 2019.
- DERRIDA, J. (2000). “O que é uma tradução “relevante”?”. Alfa, São Paulo, 44, p. 13-44.
- DERRIDA, J. (2006). Torres de Babel, Editora UFMG, BH.
- FUSCO, C. (2016). “O que significam os nomes dos personagens de ‘Mogli’?”. Revista Galileu. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/blogs/estante-galileu/noticia/2016/04/o-que-significam-os-nomes-dos-personagens-de-mogli.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- GOMES, D. O. de (2013). “Da questão mítica do nome próprio”. Entretextos, Londrina, v.13, n.1, p.137-p.152.
- MARTINET, H. (1982). Les noms propres dans la traduction littéraire. Meta 27. 4 p. 392-400.
- RODRIGUES, N. As cem melhores crônicas brasileiras, Editora Objetiva, RJ.
- SAROLDI In: SAFATLE, V. (2010). Fetichismo: colonizar o outro, Civilização Brasileira, RJ.
- SILVA, F. de F. da (2006). “Às voltas com Babel: Derrida e a tradução (catacréstica)”. 206 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- SOUSA, G. de. *et al* (2011). “Escritores tradutores brasileiros e a tradução dos nomes próprios”. Translaciones, [S.I.], v.3, p.81-p.100.
- USENER In: CASSIRER, E. (1992). Linguagem e mito, Editora Perspectiva, SP.

---

<sup>38</sup>. (Idem, p. 67/68)